



## Uma leitura semiótica do Miss Brasil Gay<sup>1</sup>

Eduardo Rezende Miranda Sobreira <sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora

### Resumo

A construção identitária, que inclui linguagens, símbolos e códigos, nos conduz a uma sociedade que reconhece uma forma dicotômica de gênero: o masculino e o feminino. Porém, a manifestação transgênera vem mostrar que a expressão sexual e a utilização de códigos e símbolos extrapolam tais conceitos. Isso pode ser comprovado na construção simbólica do concurso Miss Brasil Gay. Um espetáculo milionário, que envolve profissionais diversos, em busca da atenção e encantamento de seus espectadores. Em *Uma leitura semiótica do Miss Brasil Gay*, traçamos um roteiro sobre a construção semiótica que há por trás desse evento, considerado o maior do gênero no país.

### Palavras-chave

Semiótica; espetáculo; transgênero; lingüística.

---

1. Trabalho apresentado ao GT Teoria e Metodologia da Comunicação, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.  
2. Graduando em Comunicação Social (UFJF) com habilitação em jornalismo. E-mail: educomunic@gmail.com



## **Espetáculo analisado**

O espetáculo analisado neste artigo é concurso Miss Brasil Gay, que acontece desde 1977. Atualmente, o evento ocorre em Juiz de Fora (MG), e reúne homossexuais de todo o país. Para que possamos compreender os termos empregados na análise do concurso, torna-se necessário discutir algumas questões referentes ao estudo da linguagem e dos signos.

## **Uma breve introdução ao estudo da linguagem**

A principal diferença entre o homem e os outros animais está na sua capacidade de se comunicar com palavras, por meio da linguagem. Através dela, ele exprime sentimentos, gostos e vontades. Além disso, a palavra permite que o homem viva no meio social e político, interagindo com as pessoas.

Por meio de palavras, o homem também consegue modelar seu pensamento e expressá-lo por meio de emoções e reações. Por isso, a palavra é considerada algo de grande importância para a sobrevivência dos seres humanos. A linguagem é, portanto, o grande meio de comunicação propriamente humano.

Através do poder encantador das palavras é possível reunir pessoas, mudar pensamentos, convencer e influenciar. Para tanto, o homem desenvolveu uma série de métodos e técnicas de uso das palavras. Ela é o núcleo de tudo, a chave para o entendimento das significações, símbolos e valores que determinam o modo como interpretamos as forças divinas, naturais, sociais e políticas e suas relações com a nossa vida. Ela pode ser subdividida em linguagem, a língua e a fala. A linguagem refere-se à capacidade de comunicação possibilitada pela aparelhagem físico-anatômica que nasce com os seres humanos. Ou seja, a capacidade vocal que nos permite emitir as palavras e sons. Um aparato que possuímos graças a uma possibilidade física.

Já a língua é uma forma de expressão convencional, criada dentro de um espaço geográfico, econômico ou político de comum acordo com os que dela comungam.

E, por último, a fala é o modo próprio e individual de utilização da língua. Esse modo de se comunicar se estabelece quando passamos dos meios de expressão aos de significação, do expressivo ao significativo. Com a linguagem, conseguimos dar sentido



(significação) às coisas. Diante disso, o homem desenvolveu diversas formas de expressar o que sente e transmitir aos seus semelhantes. E, nesse processo, dá significado a suas expressões. Para entendermos como se dá o significado das palavras através da linguagem, é necessário que saibamos alguns conceitos importantes da lingüística. Tudo o que é estímulo sensorial e que se traduz na forma de sinais, recebe o nome de significante. Já o sentido dos significantes ou o conceito que eles representam para a nossa consciência recebem o nome de significado. Logo, a língua possui uma série de códigos que podem ser expressos por meio de estímulos e sinais (significantes) e compreendidos por meio de conceitos e idéias convencionais (significados).

Essa construção do significado em linguagem mostra que a língua é algo social, histórico, determinado por condições específicas de uma sociedade e de uma cultura. E, por isso, são expressões dinâmicas, que mudam com o passar do tempo. A cada período da história, são criados novos sentidos para as palavras e diferentes formas de se interpretar o mundo. A produção de significados, através da linguagem, também é infinita.

## **Semiologia**

O termo semiologia foi utilizado pela primeira vez por Ferdinand de Saussure (1857-1913), para designar a ciência que estuda os sistemas de signos e, assim, abranger todas as formas de linguagem, entendendo-se esta como os modos do homem de se relacionar com o real, tanto no nível do sensível (significantes) quanto no do inteligível (significados).

A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é compatível, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos, aos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. Pode-se então, conceber a uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela continuaria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego semion, “signo”). Ela nos ensinará em que



consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à lingüística e essa se achará vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1991, p.24).

Roland Barthes (França, 1915-1980), outro estudioso da Semiologia, foi quem aplicou a teoria do signo lingüístico ou verbal, de Ferdinand de Saussure, a outros conjuntos de signos existentes e operantes na vida social. A este estudo, que R. Barthes chamou de Semiologia, todas as representações obtidas por signos se pautam e se moldam por aquela dos signos da língua. Os estudos desse campo teórico baseiam-se em uma relação binária entre SE (significante) e SO (significado). A mesma relação existente entre a cara e coroa de uma moeda, ou a frente e o verso de uma folha de papel. Duas metades indissociáveis do signo lingüístico. Por exemplo, a palavra CASA terá como SE [KAZA] e SO a imagem mental que possuímos de uma casa, que pode ter uma ou várias janelas, ser de madeira ou cimento, ter chaminé ou não. O conteúdo sonoro, ou signo acústico [KAZA] nos remete a um conceito pré-estabelecido do termo em questão. Mas será com o acréscimo da teoria de Charles Sanders Peirce (USA, 1839-1914) que o estudo dos signos ganha um fator a mais: o pragmatismo.

## **Semiótica**

A semiótica é a ciência que estuda os signos. Estes são representações de algo que existe no mundo. O estudo da semiótica reúne todos os processos significativos, na



natureza e na cultura. A investigação semiótica envolve questões sobre as linguagens que produz significações, inclusive a lingüística (linguagem verbal) – da Semiologia. Para Lúcia Santaella, ela “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis” (1983:15). Estuda, também, como são organizadas as dimensões representativas dos objetos para produzirem significados. O termo deriva etimologicamente do grego semeion (signo) e sema (sinal), tendo originado diversos termos como semeiologia, semologia, etc.

Para a elaboração deste trabalho, daremos ênfase nas teorias desenvolvidas por Peirce, que se fundamentam em sistemas triádicos de análise dos signos. Para dissertar sobre a semiótica, escolhemos o espetáculo como um de seus ramos de pesquisa. Analisaremos todos os recursos utilizados pelos produtores do Miss Brasil Gay, para representar e obter reações dos espectadores.

### **A questão dicotômica dos gêneros**

Para que possamos compreender a análise simbólica do concurso Miss Brasil Gay é necessário que busquemos, nos principais estudos sobre gêneros da atualidade, as categorizações modernas do assunto. Atualmente, a expressão dos gênero ultrapassa a classificação dicotômica conhecida pela maioria das pessoas e que se baseia no que é ser homem ou mulher. Os parâmetros sociais que regem a orientação sexual dos indivíduos deve ir além desse binômio e reconhecer, por exemplo, a existência de transgêneros, que inclui as travestis, homens que se vestem de mulher, e as transexuais, homens que possuem mentalidade e modos de pensar femininos.

Entretanto, mesmo convivendo com conceitos modernos sobre sexualidade como esses, estamos condicionados a pensar a questão dos gêneros como sendo masculino ou feminino. Os transgêneros são, então, condicionados a assumir uma forma de se expressar sexualmente baseada no modelo dicotômico proposto pela sociedade. Assim, eles buscam, através de vestes e falas, assumir características femininas ou masculinas, que servirão para incluí-los em um padrão aceito e reconhecido. Esses processos, embora flexibilizados em alguns grupos sociais, no geral, continuam transmitindo um conteúdo normativo relativamente rígido.



Os homens devem se vestir e se comportar como homens. E as mulheres devem se enquadrar no padrão feminino. Mas e os transgêneros? Estes, por sua vez, não escapam dessa rotulação. Precisam parecer homens ou mulheres, e, dessa forma, apresentar características comuns aos modelos de gêneros existentes na sociedade. Aqueles que decidem romper com a rígida construção binária imposta por nossa sociedade, estão sujeito a sofrer sanções como o preconceito, a estigmatização e marginalização. A lésbica deve ser masculina e o gay feminino.

A tão sonhada liberdade sexual desaparece e as pessoas passam a ser vigiadas e julgadas pelos papéis sexuais, que nesse caso significam as características físicas e atitudes relacionadas à orientação sexual. Desde a infância, na escola, os processos de socialização de gênero carregam um enorme conteúdo normativo. Já na fase adulta que a indefinição de gênero e a busca por uma identidade perturbam ainda mais os homossexuais. Muitos decidem viver anos sem se assumir ou acabam se matando. Outros se assumem gays, mas adotam o gênero masculino como base de seu comportamento social. Já os transgêneros adotam a feminilidade como forma de externar sua sexualidade e se livrar de questionamentos e dúvidas. Quanto mais próximo da feminilidade, mais bem construída será identidade sexual. Tudo em busca do pertencimento a uma categoria social estabelecida. Nessa etapa da vida dos transgêneros, os códigos de conduta esperados deste grupo social se aproximam do sexo feminino. Entretanto, o uso de signos femininos pelos transgêneros beira o exagero. O busto deve ser maior que o de uma mulher e os vestidos mais exuberantes. A maquiagem também é mais carregada, usando cores quentes e traços borrados. Uma tentativa de chamar a atenção das pessoas para os símbolos que carregam em seus corpos. Ocorre uma ressignificação do universo feminino, onde os signos são modificados e cria-se uma maneira própria de se comportar e vestir, mas que tem a feminilidade como referência.

A identificação subcultural, que inclui linguagens, símbolos, códigos e construções identitárias alternativas, que resgatam e validam a diferença.

Por um lado, requer um grau de acesso a construções simbólicas e políticas já existentes, pois de fato já circulam na nossa sociedade, embora de forma restrita, elementos para uma identidade coletiva transgênero, produto tanto da convivência espontânea quanto da ação



política de movimentos de grupos que trabalham para resgatar e construir. Por outro lado, requer participação no meio onde essa identidade compartilhada se faz sentir, seja o espaço da prostituição, seja o ativismo político. Importante é assinalar as evidências de como as construções subculturais são elaboradas em relação a uma cultura hegemônica que, num primeiro momento, parece silenciá-las, mas, em outro, passa a ser influenciada por elas. Os modelos de gênero/sexualidade que as travestis e transexuais têm à sua disposição ainda são basicamente os que provêm da “matriz heterossexual”. (BUTLER, 1990, pag. 38).

Na busca de se enquadrar em um modelo de gênero que seja reconhecido socialmente, e que nesse caso é o feminino, os transgêneros acabam criando um modelo próprio de se vestir e se comportar. Existem pessoas que dizem que se as travestis “querem ser mulheres, devem adotar a vida e comportamento tal qual o das mulheres”. Entretanto, as travestis são, biologicamente falando, homens se vestidos de mulher.

Como já foi dito acima, elas querem um busto enorme, vestidos que chamam a atenção e sapatos enormes. Elas acabam por produzir uma espécie de hiperfeminilidade e uma ressignificação do que vem a ser referente de fêmea. A construção do corpo de um transgênero passa pela negação de símbolos e signos que lembram o masculino, como os pêlos e a voz grossa, por exemplo. Esse processo, muitas vezes, é caro e doloroso. Muitos se submetem a diversas cirurgias plásticas. Nesses casos, o corpo passa a perder seu valor biológico, e se torna um produto social.

### **O concurso Miss Brasil Gay**

A primeira edição do evento aconteceu em 1977, quando o organizador Chiquinho Motta fez a festa parodiando o já conhecido Miss Brasil. O objetivo inicial do evento,



ainda pequeno, era arrecadar fundos para ajudar a Escola de Samba Juventude Imperial, de Juiz de Fora, que passava por problemas financeiros. As primeiras participantes eram todas de juizforanas, escolhidas entre os destaques das escolas de samba da cidade. As primeiras edições do concurso tinham uma conotação carnavalesca, pois as candidatas eram de Juiz de Fora e, dessa forma, não havia a atual disputa entre representantes de outros estados. O evento se desenvolveu e ficou conhecido como o maior evento sobre o transformismo em todo o país.

Na década de 80, regras foram estabelecidas. Cada candidata passou a representar um estado. As travestis e pessoas com silicone foram proibidas de participar da competição. Com o prestígio e o sucesso do Miss Brasil Gay, os estados começaram a organizar desfiles locais e a enviar as vencedoras para o concurso nacional.

Atualmente, o evento recebe um público de cerca de 5 mil pessoas por ano, é conhecido nacionalmente e está presente nos guias gays internacionais.

A produção do espetáculo é criteriosa e sempre cria uma atmosfera de luz, som, beleza, efeitos especiais e pirotecnia, que encantam os espectadores. Um espetáculo realizado com um enorme investimento em tecnologia e modernidade. Além de dar mais visibilidade aos homossexuais, o concurso movimenta a economia da cidade. Só em 2005, o investimento em Juiz de Fora foi de 2 milhões.

Em 2004, a realização do concurso Miss Brasil Gay foi transferida para o Rio de Janeiro. Os organizadores do evento, em Juiz de Fora, alegaram que não houve apoio do comércio e dos órgãos públicos para a realização do espetáculo. Já em 2006, o concurso retornou para Juiz de Fora.

No palco, 26 homens vestidos de mulher disputavam o título de transformista mais bonito e bem vestido do país. A vencedora foi a Miss Rio de Janeiro, Mirella Aciolly, registrada como Lucas Ferreira Leite do Prado, e que trabalha como cabeleireiro.

Durante o discurso da vitória, a vencedora agradeceu aos amigos, ao namorado e família. Ou seja, um discurso que lembra as vencedoras do famoso Miss Brasil.

Os vestidos de Mirella, apresentadora do evento, foram feitos pelo estilista Flávio Lima. Um figurino que exagera nos brilhos e na feminilidade. Os cortes da roupa são trabalhados de maneira a destacar ao máximo as curvas de seu corpo. Um corpo baseado em referenciais femininos. Todas as candidatas desfilam com um traje típico de seu Estado. Esses vestidos simbolizam o carnaval carioca, através de muitas luzes



coloridas piscando continuamente. Em média, cada roupa custa R\$ 2 mil. Já o traje de gala, também obrigatório para todas as candidatas, chega a custar R\$ 6 mil.

Para que o espetáculo ganhe ainda mais importância e glamour, todos os anos, o júri é composto por apresentadoras de TV, cantoras e atores. Em 2005, estiveram presentes: a apresentadora Adriane Galisteu, que premiou o primeiro lugar, Leão Lobo, que entregou o troféu à segunda colocada, além de Jorge Kajuru, David Brasil entre outras personalidades. Isso dá a idéia de ser um evento importante, que reúne personalidades da TV e contribui para chamar a atenção da mídia local.

Antes do desfile, shows paralelos são apresentados ao público para que despertem ainda mais a curiosidade de quem espera as candidatas subirem no palco. Todo esse pré-espetáculo gera um clima alegre e de festa.

Baby Mancini, uma travesti muito conhecida no meio GLS, veio do Rio de Janeiro e exibiu uma performance que encantou a platéia. As apresentações alternaram entre dublagens de músicas interpretadas por cantoras como Maria Bethânia e Whitney Houston, que são símbolos da voz feminina no Brasil e no mundo. Shows engraçados também acontecem no palco, com o objetivo de criar um clima descontraído na platéia. Sem falar no show dos go-go boys, homens musculosos fazendo performances e tirando as roupas.

Toda essa estimulação sensorial é parte do espetáculo que ainda irá acontecer. Quando as candidatas subirem no palco, é preciso que a platéia esteja eufórica, para receber as candidatas com imensa empolgação.

O espetáculo tem início com a apresentação das candidatas por ordem alfabética do estado que representam. Há uma parte do espetáculo, em que as concorrentes desfilam com trajes típicos de sua região. Há, portanto, uma exploração ainda maior de símbolos. As características mais fortes dos estados são representadas em vestidos e fantasias criativas.

## **Uma leitura semiótica do concurso**



Charles Sanders Peirce (USA, 1939-1914), filósofo e matemático, concebeu o signo como sendo algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém.

“Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto”.

(Santaella. Lúcia. O que é Semiótica: pág. 58)

Dessa forma, podemos classificar travesti como um signo. Ao utilizar vestimentas e acessórios femininos, ela busca representar uma mulher. Ou seja, busca se apresentar como sendo de um sexo oposto ao biológico. Para Peirce, os signos são formados por tríades: representamen, objeto e interpretante. O objeto é aquilo que o signo representa. O representamen é aquilo que está no lugar do objeto: o signo. E, por último, o interpretante funciona como significado da representação. No caso das travestis, o objeto seria a mulher. O representamen seria ela própria, se vestindo como fêmea. E o interpretante é o conceito que cada um tem a respeito dos transgêneros.

O conceito que as pessoas têm em suas mentes quando se fala em transformismo. Os índices e símbolos das fêmeas são utilizados pelos transgêneros, como o cabelo comprido e o busto de silicone, por exemplo.

Se formos analisar este signo de acordo com as principais tricotomias propostas por Peirce, teremos uma análise mais detalhada, que nos permite entender essa significação em todas as suas categorias.

Quanto à primeira tricotomia, a travesti, como qualquer outro signo é um qualisígnio, na medida em que possui qualidades e formas femininas facilmente percebidas. A imagem delas é também sin-signo, visto que são exemplares únicos. Mas se ela



representar todas as transgêneros, o grupo de homens que se vestem e se comportam como mulheres, ela passa a ser classificada como legi-sígnio.

Com relação à segunda tricotomia, o signo em questão (representamen) é ícone pela semelhança que possui com as mulheres (objeto). Pode ser também índice por possuir indicativos de feminilidade, como o uso de salto alto, cabelos cumpridos, maquiagens, etc. Já na categoria dos símbolos, a travesti representa algo convencionalizado em nossa sociedade, que são as formas como uma mulher deve se vestir e se comportar.

E na terceira tricotomia, o transgênero será rema pela possibilidade de vir a ser uma mulher se comportando e se travestindo como tal. Emitindo, dessa forma simples informações sobre o objeto que representa. Pode ser dicente ao funcionar como uma assertiva, uma declaração: um homem que se veste e se comporta como uma mulher. E, por último, será argumento ao propor um conceito e uma idéia sobre o signo. Neste caso, a conclusão seria: um homem que se veste e se comporta como mulher, realiza uma representação de um sexo diferente do biológico.

E nesse contexto, quanto mais símbolos femininos a travesti utilizar, mais próxima do ideal de mulher ela estará. É por isso que algumas exageram nas roupas e acabam construindo estilos próprios de se apresentar visualmente, produzindo novos signos (semiose).

A preparação das candidatas que irão concorrer ao título de Miss Brasil Gay segue este caminho. Rendas francesas, strass, plumas, penas, peles sintéticas, pedrarias e os famosos cristais swarovski são utilizados em demasia. Modelos de musseline de seda, seda pura, veludo alemão, organdi e renda francesa, entrecortados por strass, cristais swarovski, paetês, flores de veludo, pedrarias e plumas prendem a atenção da platéia. Os preços dos vestidos de gala variam entre R\$ 4 mil e R\$ 10 mil. Já nos trajes típicos as candidatas gastaram a média de R\$ 2,5 mil.

No espetáculo do Miss Brasil Gay, a travesti (signo) é a principal razão do evento, que acontece de acordo com três categorias também propostas por Peirce:

A primeiridade é a categoria da pura qualidade sensorial, sensacional e sentimental. No espetáculo analisado ela será representada pela iluminação e decoração do evento. Todo o aparato simbólico que existe para influenciar na percepção de quem observa a cena. A música também é de fundamental importância nessa etapa. Durante o desfile das candidatas, a música escolhida causa a impressão de glamour e importância para quem está no palco. A iluminação é dirigida a quem desfila, chamando a atenção para quem se apresenta naquele instante.



Com relação à secundidade, a experiência de cada espectador influenciará na recepção dos estímulos da categoria anterior. Se a pessoa que está na platéia conhece a candidata que está desfilando, a estimulação nervosa para ele será muito maior se comparada com quem nem está atento à cena. O que conta neste instante é a conteúdo simbólico que cada espectador traz consigo. O nível da terceiridade consiste na representação e na cognição das pessoas. E, dessa maneira, o espectador irá torcer, aplaudir e gritar pela candidata que ele achou mais apropriada para receber o título de Miss Brasil Gay. Ele consegue formar uma opinião e idéia. Isso depois de ter vivenciado todas as outras duas etapas.

### **Conclusão**

O espetáculo do concurso Miss Brasil Gay atrai cada vez mais turistas para a cidade de Juiz de Fora. O evento deve representar muito mais que um desenvolvimento na economia local. Ele é uma manifestação cultural. O surgimento e afirmação de um novo conceito de gênero. Na verdade, a ampliação do conceito já existente. Uma festa simbólica, que reforça ou apresenta, aos que não conhecem, a subcultura transgênero. Apesar de buscar referentes nas dicotomias de gênero, as travestis possuem características próprias e significativas. O que é responsável por apresentar um espetáculo que envolve e seduz. Uma produção especialmente criada para encantar quem a contempla.



## REFERÊNCIAS:

Gênero – Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, Ed. UFF, 2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Dicionário *on line* Priberam, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo>

Enciclopédia digital *Wikipedia*, disponível em <http://www.wikipedia.org>

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.

Portal de notícias Acessa.com, disponível em <http://www.acessa.com>

Portal Gay de Minas, disponível em <http://www.mgm.org.br>